

# "Fim do gradualismo"

9 de JUNHO 1983

A crise brasileira é daí de tais proporções que só restam duas alternativas ao governo: enfrentar o problema já ou esperar que o problema o ataque. A hora do gradualismo já passou e todos os ajustes necessários à renegociação da dívida externa devem vir de uma só vez, evitando maiores traumas. As advertências são do ex-ministro Mário Henrique Simonsen, para quem tanto o pacote em gestação quanto a real situação do País devem ser mostrados "sem rodeios" pelo governo à sociedade.

O dia de ontem foi marcado por algumas das mais duras críticas que já se fizeram em qualquer tempo à política econômica. Cerca de 650 em-

presários, reunidos no Maksoud Plaza para ouvir Simonsen, e no Centro Empresarial de São Paulo para saber das soluções apresentadas por Antônio Ermírio de Moraes (grupo Votorantim), Abílio Diniz (Pão de Açúcar) e José Mindlin (Metal Leve), debruçaram-se na análise das saídas para a crise, mas puseram no centro do palco o grande responsável pelo gargalo que temos de transpor: o próprio governo.

Contundente, Antônio Ermírio de Moraes não usou panos quentes: "Se eu fosse diretor de uma empresa tão mal administrada como este país, em primeiro lugar pediria demissão". O Brasil vive hoje "uma crise moral, financeira e administrativa", fuzilou, e o governo "é culpado" na medida em que se atribui a tarefa de dar emprego, educação e saúde aos cidadãos brasileiros, "mas não o faz". Tacha a crise de fruto de um regime político fechado, lembrando que a "revolução de 64 inviabilizou o País".

Propostas de mudanças de modelos foram, no entanto, ironizadas por Simonsen, arrancando risos da platéia ao argumentar que "isto significa o mesmo que trocar a Xuxa pela Lúiza Brunet". Mas, apesar dos risos, em nenhum momento ele coloriu com tons amenos o quadro que aí está. Ou os cortes de subsídios e custeio das estatais virão acoplados "inevitavelmente" ao expurgo dos vários índices ou "esse negócio não vai fechar". Ele concorda em que isto implica mudança nas regras do jogo, mas alerta para o fato de que es-



Mário Henrique  
Simonsen

ta "não é uma mudança cosmética".

A necessidade de fugir ao gradualismo no ataque às causas fundamentais do déficit público permeou as manifestações dos empresários, embora José Mindlin tenha feito uma advertência: "O remédio é adequado", mas a dose precisa ser bem administrada. Ele endossa a postura de Simonsen, lembrando que há

necessidade de um debate amplo e prévio, para que decisões que afetam a todos nós sejam conhecidas a posteriori.

Abílio Diniz, um dos mais articulados críticos reunidos no Centro Empresarial, engrossa a corrente dos que pregam o ajustamento do setor público através da degola de subsídios e gastos das estatais, indo mais além: também a área do crédito rural tem de ser atacada. Com ele concorda Antônio Ermírio de Moraes: em vez de subsídio, o governo deveria dar preço à agricultura. "O preço beneficia a todos, enquanto o subsídio só os fortes têm acesso."

Num dia prodigo em críticas mas fertil também na busca de soluções, saiu do Rio a voz do senador Roberto Campos (PDS-MT): o pacote é "insuficiente" para um combate integral à inflação. Sob este ponto de vista o acordo salarial entre o governo e o PTB é, no mínimo, "irrealista".

(Ver página 5)